

AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA E PSICOPATOLOGIA: UMA PERSPECTIVA PARA A SAÚDE MENTAL¹

Maria de Lourdes Pinheiro do Nascimento Silva²

Georgia Martins Baeta Neves³

Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN)

RESUMO

O presente artigo introduz uma breve discussão teórica sobre a relação da psicopatologia na avaliação psicológica, buscando enfatizar a saúde mental de forma globalizada para o bem estar do indivíduo. Inicialmente é exposto uma breve apresentação sobre as definições de doença e saúde mental, norteando sempre o sujeito em si. Fundamenta-se brevemente na visão do que se tem como normal e patológico, enfatizando alguns dos principais sintomas e transtornos mentais. Descreve uma relação sucinta entre psicopatologia e psiquiatria. Descreve de forma sintética alguns pressupostos teóricos em uma visão holística sobre a avaliação psicológica enfatizando a saúde mental do sujeito. Neste estudo foi possível compreender a complexidade diante desses temas citados, em que é possível perceber e compreender que os transtornos mentais e comportamentais avançam afetando a cada dia a vida da população, diante de uma sociedade que se demonstra afetada pelo impacto contemporâneo, aonde as inconstâncias são visíveis, a violência, e as cobranças sociais prevalecem.

Palavras-chave: Avaliação psicológica. Psicopatologia. Saúde mental.

¹ Artigo científico desenvolvido pela primeira autora, sob orientação da segunda, para obtenção de Título de Especialista em Avaliação Psicológica pelo Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN), Natal/RN – Brasil.

² Psicóloga, Graduada pelo Centro Universitário FACEX (UNIFACEX), e discente da Especialização em Avaliação Psicológica pelo Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN), Natal/RN – Brasil. E-mail:lourdespns@yahoo.com.br.

³ Psicóloga, Docente no Curso de Psicologia e Coordenadora da Especialização em Avaliação Psicológica pelo Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN), Natal/RN – Brasil.

ABSTRACT

The present article introduces a short theoretical discussion about the relationship of psychopathology in psychological evaluation, searching to emphasize the mental health in a globalized way for individual's welfare. First, is exposed one small presentation about mind's ill and health, always caring the subject, himself. Based in the aim which is considered normal and pathological, emphasizing some of the main mind's symptoms and disorders. Describes a relationship between psychopathology and psychiatry. Describes in a synthetic way, some of the theoretical presuppositions, with a holistic view, about the psychological evaluation emphasizing subject's mental health. In this study it was possible to notice the complexity of the subjects cited, in which is possible realize and understand that the mind's and behavior's disorders advances day by day affecting population's life., facing a society which demonstrate being affected by the fast contemporary impact, which one the fickleness is visible, and the social cashing are still intense.

Key-words: Psychological evaluation. Psychopathology. Mental health.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo introduz uma breve discussão teórica sobre a relação da psicopatologia na avaliação psicológica, buscando enfatizar a saúde mental em seus diversos aspectos para o bem estar do indivíduo, por se tratar de um tema grande relevância no viés do estudo da avaliação psicológica e das psicopatologias, correlatos a um bem comum do sujeito. Desse modo, o estudo se articula também no que diz respeito ao processo de aprimoramento dos instrumentos científicos para os estudos e identificação das doenças mentais, em prol da contribuição de alguma forma com a redução do sofrimento mental do paciente.

Nesse contexto, averigua-se dentro da delimitação entre o que pode ser considerado “normal” e o que deve ser tido como “patológico” por meio de algumas visões teóricas. A partir dessa perspectiva, também pode ser considerado que as psicopatologias são sempre investigadas e desencadeadas no ambiente cultural, sendo assim configura-se em uma possibilidade de promoção da saúde biopsicossocial. Esta, sendo considerada por Dalgalarrodo (2008), como ramo da ciência que trata da natureza essencial da doença mental. Conforme esse autor: “suas causas, as mudanças estruturais e funcionais associadas a ela e suas formas de manifestação e ainda, a tem como para incluir um grande número de fenômenos humanos especiais, associados ao que historicamente se denominou de doença mental” (DALGALARRONDO, 2008 p. 27).

Faz-se necessário ressaltar que nessa perspectiva, diante dos aspectos que se

articulam em uma avaliação psicológica e a psicopatologia, o autor explicita a ênfase desse processo no sujeito, acentuando no que diz respeito à percepção e compressão do seu contexto como possibilidade de mudança na amenização do sofrimento mental.

Com base nesses aspectos, que podem apresentar condições para se pensar em possíveis transformações que amenizem o sofrimento psíquico, considerando-o como um conflito relacional, advindos de diversos fatores, adquirindo assim uma série de frustrações em relação às necessidades vitais, oriundas, principalmente, de exclusão social (MEDEIROS, 2012).

As atribuições de valores diante de um procedimento de avaliação psicológica e a não associação das psicopatologias às doenças e à loucura, por sua vez, deve ser considerado um processo técnico e científico que pode incluir diversas estratégias de avaliação, entre elas, o uso de testes psicológicos em que se explica como um desenvolvimento amplo que envolve a integração de informações originárias de diversas fontes, tais como, testes, entrevistas, observações e análise de documentos, que venham contribuir de forma significativa para o reestabelecimento psíquico do sujeito.

Nesse sentido, o estudo está organizado em quatro capítulos, a partir da introdução que faz uma apresentação geral acerca da temática abordada, mostrando os principais autores e referentes que foram analisados.

No capítulo dois abordou-se a saúde mental, sob a perspectiva de um breve resgate histórico, percorrendo como a Organização Mundial de Saúde classifica a saúde. Neste capítulo foram abordadas também, de forma resumida, algumas categorias de análise, dentre as quais, o “normal e patológico” na visão de alguns teóricos.

No terceiro capítulo os principais aspectos constituintes são os transtornos mentais e o ambiente social, como fator causal. A partir da Classificação Internacional das Doenças traça-se uma breve discussão desses fatores, enfatizando como esses se apresentam e desenvolvem-se.

Por fim, no quarto e último capítulo, faz-se uma incursão acerca dos pressupostos teóricos da avaliação psicológica, em especial, no que concerne à legislação vigente consoante à atuação do profissional da Psicologia. No capítulo também se enfatizou essa avaliação a partir de uma perspectiva holística, que abordou não apenas os aspectos psíquicos externalizados, mas também os socioambientais. Assim sendo, o trabalho é conclusão com as considerações finais, as quais expõem uma síntese das teorias apresentadas, enfatizando as contribuições diante dos estudos das psicopatologias em um avaliação psicológica.

2 DOENÇA E SAÚDE MENTAL

No século XIX a doença não era tida como perda completa da saúde, a loucura também não era concebida como perda total da razão, mas como uma contradição da própria razão que ainda não existia, conseqüentemente daí surge a possibilidade da sua cura (ALMEIDA FILHO,1999).

No entanto, segundo Bleger (1984) o objetivo mais recente da saúde mental não se restringe apenas à cura das doenças ou à sua prevenção, mas envidar esforços para implementação de recursos que tenham como resultados melhores condições de saúde para a população.

Nessa perspectiva, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a saúde é uma situação de perfeito bem-estar físico, mental e social da pessoa, considerada primeiramente, por não visar a uma perfeição inatingível, atentando-se as próprias características da personalidade, englobando as influências ambientais e culturais como já foi mencionado. É coerente supor que a maioria das doenças mentais são desenvolvidas e desencadeadas por diversos fatores, biológicos, psicológicos e sociais. Para tanto, é também afirmado que:

Os surtos psicóticos e a formação das neuroses dependem da estrutura da personalidade que a pessoa desenvolve desde o início da sua vida, chegando a certa configuração relativamente estável, após o período de ebulição da adolescência quando as condições sociais são relativamente favoráveis (HELOANI; CAPITÃO, 2003, p1).

Assim sendo, Mandlhate. (2011) explica sobre a importância dos cuidados no processo do desenvolvimento social e que se os fatores biológicos se desenvolverem preservados, possivelmente não venham implicar na elucidação de doenças. Em razão disso, os transtornos mentais resultam de muitos fatores e têm a sua base física no cérebro, onde se acumulam as fantasias e desejos, necessidades etc. Desta forma, vindo a surgir sintomas, a partir dos quais é possível estabelecer normatizações de doenças, através de aspectos externos e internos do paciente.

Noutro sentido, a psicopatologia se apresenta com probabilidades de afetar não

apenas o paciente, mas também acomete a família. Nessa instância, segundo Dalgarrondo (2008), o estudo da doença mental como o de qualquer outro objeto, inicia-se pela observação cuidadosa de suas manifestações.

2.1 PSICOPATOLOGIAS: O NORMAL E PATOLÓGICO

Através das psicopatologias denominamos que os transtornos evidenciados pelas manifestações do sujeito permitem propor o encaminhamento para o tratamento e reintegração social do paciente. Nos estudos de Paim (1993), a psicopatologia pode ter surgindo dentro dos hospícios, onde foi aos poucos ganhando autonomia, e esta assume um papel fundamental no grupo das ciências humanas como Psicologia, Sociologia e, principalmente, a Psiquiatria. Assim sendo, a psicopatologia é uma disciplina que visa exclusivamente o conhecimento, com objetivo de estudar a vida psíquica anormal independentemente dos problemas clínicos, em seus aspectos, como suas causas, formas de manifestações (sinais e sintomas), alterações estruturais e funcionais, em que o comportamento e cognição com a subjetividade de manifestações das doenças mentais (CHENIAUX, p.1, 2005).

A disciplina Psicopatologia como organizada, segundo Ceccarelli (2003), marcou o rompimento com a Psiquiatria do sec.XVIII, com a publicação de Karl Jaspers, no início do século XX e outros autores. Atualmente, esse termo Psicopatologia faz correlação a diversas disciplinas que estudam o sofrimento psíquico, trazendo confrontação crítica aos modelos por elas utilizados. A área da saúde mental apresentam-se em discussão em seus diversos campos de interesses diante de um confronto diferentes compreensões clínico-teóricas.

Quanto à visão de um dos percussores dos estudos sobre o normal e o patológico, Émile Durkheim considera que a dor não é sinal distintivo da doença, por fazer parte da saúde, como também não faz jus à diminuição de probabilidade de sobrevivência, em se tratando dos fatos normais como a velhice, parto e etc. Assim sendo, distingue que o normal é o acidental, sendo um estado de inferioridade. Por outro lado, a doença como enfraquecimento do organismo, enfatizando que não é ela por si só que produz esse resultado.

Émile Durkheim considera ainda que faz sentido, como identificar saúde e doença em termos dos fatos sociais, no que convém que saúde se reconheça pela perfeita adaptação do

organismo ao seu meio, ao passo que doença é tudo o que perturba essa adaptação. (Émile Durkheim, 2001.p.70).

Assim sendo, o que nos faz classificar um comportamento como anormal, é o sofrimento psíquico acentuado. Segundo, Canguilhem (1943, p.103), não existe fato que seja normal ou patológico em si. A anomalia e a mutação não são em si mesmas patológicas. As irregularidades explanam outras normas de vida possíveis. Se essas normas se apresentarem rebaixadas quanto à harmonia, à fertilidade e à variabilidade da vida, ou seja, às normas específicas precedentes serão chamadas patológicas. Se, eventualmente, revelarem-se equivalentes no mesmo meio, ou superiores em outro, serão chamadas normais. Sua normalidade advirá de sua normatividade.

Isso mostra que o patológico não é a ausência de norma biológica, é uma norma diferente, mas comparativamente repelida pela vida. Em suma, a identificação do que se respalda, estabelece-se principalmente enfatizando o contexto em que ocorre, com a aplicação eficaz dos instrumentos pelo profissional de Psicologia.

Nessa perspectiva, visa uma classificação aos fenômenos patológicos da mente humana “[...] que quando se volta a esses estudos, deve-se levar em conta o fundamento real da investigação que é constituído pela vida psíquica, e sendo representada pelo sujeito e compreendida através das expressões verbais e do comportamento perceptivo[...]” (CHENIAUX, 2005, p.1.). Ou seja, procura-se uma compreensão nas manifestações dos comportamentos sensoriais percebidos e na linguagem, buscando sentir, compreender e meditar a respeito do que se passa na mente do enfermo.

Faz-se necessário, nesse prisma, pontuar precisamente ao que se refere à Psiquiatria, enfatizando que esta não é uma ciência, e sim, uma especialidade médica, cujo fundamento é a Psicopatologia (CHENIAUX, 2005, p.1). E em linhas gerais, a mesma também se utiliza de conhecimentos de outras disciplinas, muito embora, a Psiquiatria represente a aplicação prática da Psicopatologia. Entretanto, Psiquiatria, vem contrapondo-se à Psicopatologia, em atribuir, reunir os materiais na elaboração da teoria do conhecimento e dos fenômenos, para que a Psicopatologia possa coordenar sua ação preventiva e curativa.

3 TRANSTORNOS MENTAIS E AMBIENTE SOCIAL

Um indivíduo que se detém a um ambiente de vulnerabilidade quando já existe uma tendência biológica a desenvolver um transtorno mental, torna-se quase inevitável seu comprometimento. Isso faz crer que o indivíduo inserido em uma sociedade onde predomina o aceleração, instabilidade, a intensificação das cobranças sociais vem a instigar eventuais preocupações. Tudo isso, vem afetando as pessoas de todas as idades e classes sociais e vindo a desenvolver e ativar o sofrimento mental.

Nesse sentido, a doença mental é o que se apresenta como desenvolvimento de inúmeros transtornos, apontado por diversos aspectos, como, causas, comportamentos, alterações estruturais, entre outras. Em suma, se tornam distúrbios e perturbações e se pautam na Classificação Internacional das Doenças (CID-10), ou seja, são fatos naturais da vida social e por isso não foram produzidos em um dado momento histórico, sempre existiram (SAMPAIO,1998).

Os principais quadros clínicos que devem ser mencionados, são as psicopatologias do humor; transtornos de ansiedade; esquizofrenias e quadros relacionados; transtornos somatoformes, transtornos de personalidade, transtornos da infância; transtornos da velhice, etc.

Nesse sentido, faz-se necessário também uma compreensão acerca das características gerais da afetividade por se estabelecerem no início da vida familiar. Assim, sendo, as marcas que as experiências nos deixam; o quanto somos afetados por algo na trajetória de vida; pelo humor: tónus afetivo; lente afetiva, que dá às experiências uma cor particular; componente somático; e os sentimentos: estados e configurações afetivas estáveis; dependem da cultura e de palavras específicas que as descrevam.

Nessa mesma perspectiva, a depressão vem causando preocupação aos profissionais da Psicologia quando um indivíduo apresenta tristeza que perpassa toda as experiências da vida cotidiana. Ou seja, tristeza infinita, dolorosa, externalizando-se pelo choro a qualquer momento. A depressão também afeta o sono, o apetite e a vida sexual. A pessoa deprimida faz tudo muito lentamente, devagar, sem energia. Enquanto com ou sem sintomas somáticos, se dá com o transtorno recorrente como o leve, moderado, grave. Com e/ou sem sintomas somáticos.

A leitura da patologia mental, segundo Michel Foucault (1975, p.71) não deve ser feita de forma excessiva simples das funções abolidas. Nessa perspectiva, propõem-se o

entendimento de que a doença não é somente perda da consciência, obnubilação de tal faculdade.

Acrescenta o autor ainda que, a Psicologia do século XIX já instigava esta descrição meramente nula da doença e com a maior relevância se dava a limitação de se descrever as aptidões desaparecidas, vindo a enumerar nas amnésias as lembranças esquecidas, a pormenorizar nos desdobramentos de personalidades as sínteses tornadas impossíveis. A doença extingue, mas sublinha. Os fatores se extinguem de um lado, mas é para acirrar do outro. Ou seja, o cerne da doença não está somente no vago criado, mas também no encanto positivo das atividades de substituição que vem preenchendo a vida.

4 ALGUNS PRESUPOSTOS TEÓRICOS SOBRE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA

Segundo Paranhos e Merg (2011), a avaliação psicológica é um campo da Psicologia dirigida que busca compreender os problemas pessoais, grupais, institucionais ou sociais. E para desenvolvê-la, o psicólogo precisa lançar mão de um padrão teórico que lhe permita compreender determinado fenômeno.

A avaliação psicológica é entendida como o processo técnico-científico de coleta de dados, estudos e interpretação de informações a respeito dos fenômenos psicológicos, que são resultantes da relação do indivíduo com a sociedade (Resolução CFP nº 007/2009), utilizando-se, para tanto, de estratégias psicológicas, métodos, técnicas e instrumentos. Os resultados das avaliações devem avaliar e analisar os condicionantes históricos e sociais e seus efeitos no psiquismo, buscando utilizar como instrumentos para atuar não somente sobre o indivíduo, mas na variação desses condicionantes que operam desde a formação da demanda até a conclusão do processo de avaliação psicológica.

A Lei N.º 4.119 de 27/08/62 (alínea "a", do parágrafo 1º do artigo 13), define a avaliação psicológica é uma função privativa do psicólogo. Esta por sua vez, é enfatizada na utilização dos instrumentos para realização desse processo. No entanto, a ementa de possibilidades de ferramentas psicológicas são bastante variadas, por incluir também os questionários, observações situacionais e outras técnicas reconhecidas pela Psicologia.

Com a função de prover ao avaliador subsídios técnicos, a entrevista psicológica é definida como uma conversação dirigida a um propósito definido de avaliação. Assim sendo, visa

identificar subsídios da conduta, comportamentos, conceitos, valores e opiniões do candidato, completando os dados obtidos pelos demais instrumentos utilizados. A entrevista psicológica é utilizada em modo inicial e faz parte do processo de avaliação psicológica. É durante esse procedimento que o psicólogo é possibilitado a identificar elementos através das informações que possam interferir negativamente na avaliação (Lei N.º 4.119 de 27/08/620), sendo a entrevista um instrumento mediador do prosseguimento da avaliação psicológica.

A Lei N.º 4.119 de 27/08/62, define o teste psicológico como uma medida objetiva e padronizada de uma amostra do comportamento do sujeito, tendo a função fundamental de mensurar diferenças ou mesmo as semelhanças entre indivíduos, ou entre as reações do mesmo indivíduo em diferentes momentos.

O psicólogo deve seguir as recomendações contidas no manual de testes, em uma utilização adequada, para garantir a qualidade técnica do trabalho.

O laudo psicológico deve concluir sobre algo, sem margem de dúvidas, de forma que tenhamos absoluta certeza do resultado da avaliação realizada, compreendendo que os testes apontam elementos que surgiram no processo de aplicação. Nesse sentido, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) busca defender a autonomia do profissional psicólogo, quanto a escolha de quais testes serão aplicados. De acordo com a Resolução CFP nº 002/2003: “Art. 11 As condições de uso dos instrumentos devem ser consideradas apenas para os contextos e propósitos para os quais os estudos empíricos indicaram resultados favoráveis”.

A partir do formulado é permitido ao profissional, psicólogo toda a responsabilidade e competência de escolha dos testes mais adequados a cada propósito que for necessário a utilização dos instrumentos.

4.1 AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA EM UMA VISÃO HOLÍSTICA

No que se infere essa compreensão, diante de um processo de busca dos indícios que comprometem a vida psíquica do indivíduo, convém enfatizar a necessidade da seriedade que se deve dar aos estudos das psicopatologias, e também compreender os fundamentos para se obter o resultado de uma avaliação psicológica. Vale ressaltar que em um processo de avaliação, dentre diversas técnicas, o profissional de Psicologia, ainda detém o melhor instrumento à sua

disposição, que é ele mesmo e todo seu conhecimento da profissão, na compreensão do resultado final, utilizando-se do olhar globalizado (PARANHOS; MERG, 2011, p.7).

Nessa mesma perspectiva Noronha ressalta que:

Segundo a Resolução CFP nº 007/2003, “os resultados das avaliações devem considerar e analisar os condicionantes históricos e sociais e seus efeitos no psiquismo, com a finalidade de servirem como instrumentos para atuar não somente sobre o indivíduo, mas na modificação desses condicionantes que operam desde a formulação da demanda até a conclusão do processo de Avaliação Psicológica”. Cabe enfatizar que os resultados das avaliações psicológicas têm grande impacto para as pessoas, os grupos e a sociedade (NORONHA, 2013, p.13).

A partir dessa premissa, os profissionais que se utilizam do processo de avaliação psicológica e dos estudos das psicopatologias devem pôr em evidência a valorização cultural e ambiental do indivíduo, ou seja, todo o contexto que ele está inserido, possibilitando um psicodiagnóstico conciso. Sendo mister, nessa compreensão do relacionamento entre os aspectos englobados, os quais beneficiará a assistência a saúde mental, dando subsídios de possibilidades em amenizar o sofrimento mental do paciente.

A exposição que consiste em sustentar os testes psicológicos, como ferramenta própria do psicólogo, embora, sendo esses, de grande auxílio e não sendo tão essenciais, contribui de forma significativa na busca de elementos, desenvolver hipótese para um possível psicodiagnóstico. E esse por sua vez, é um processo científico, limitado no tempo, que se utiliza de técnicas em nível individual ou não. Cumpre frisar a relevância em entender problemas à luz de pressupostos teóricos, identificar e avaliar aspectos específicos (CUNHA, 2007).

Nessa visão, a Gestalt-Terapia encontra nesses fenômenos da percepção as condições para a compreensão do comportamento humano. A maneira como percebemos um determinado estímulo irá desencadear nosso comportamento. Nessa instância, ela vê o indivíduo em sua totalidade, em um sistema de equilíbrio homeostático, estando em contato com um mundo rico de estímulos, no qual realiza continuamente trocas com esse meio (BOCK, 2001). Nesse

pensamento, a doença no indivíduo surge quando o sujeito não mais consegue identificar as necessidades e seus significados. O organismo tenta restabelecer o equilíbrio entre ambiente e sujeito. Não sendo estabelecido, os sintomas surgem como uma tentativa de reorganizar e assimilar o que ficou em aberto. Como já citado, quando investigado na situação conflituosa, o profissional se utiliza desse olhar holístico, a valorização de um todo no que se refere ao psicodiagnóstico de um paciente.

As possibilidades de cuidados para um doente mental requer um serviço amplo, equipe multidisciplinar para proporcionar uma maior atenção e maior cuidado no processo de tratamento. Nesse diapasão, ajudar o sujeito readquirir suas aptidões e retomar seu papel na sociedade, requer uma vasta compreensão dos profissionais e familiares. Isso permite afirmar que:

Na esfera particular da saúde-enfermidade-cuidado, trata-se de integrar sistemas semiológicos de significação e condições externas de produção (contexto econômico-político e sua determinação histórica) com a experiência do adoecimento, enquanto transformação da identidade individual e do modo de ser no mundo. Ao propor a compreensão da experiência de adoecimento a partir dessa “perspectiva global”, construindo uma articulação entre trajetórias individuais, códigos culturais, contexto macrossocial e determinação histórica (ALMEIDA, 1999, p.9).

Sendo assim, é preciso entender que o envolvimento do profissional de uma equipe de saúde mental, principalmente, o psicólogo e o psiquiatra devem se configurar com um olhar ampliado que se atribua ao sujeito, o que ele traz, explicita através de expressões corporais e verbais, averiguando com rigor o respaldo de toda a avaliação psicológica. Isso demonstra que o resultado de uma avaliação não deve se deter a responder ao psicólogo ou à equipe quem é o sujeito ou qual a sua doença, mas que apresente indícios, as dificuldades desse sujeito consigo e em seu convívio social.

Há de se convir que esse processo aponte algumas das possibilidades de assistência da equipe para o indivíduo, principalmente, o que compete ao profissional de Psicologia na construção da parceria de uma nova trajetória de vida para este, no âmbito familiar, ou que seja hospitalar, ou na operacionalização da construção desse parecer. É pertinente também dizer que

apesar de vários casos de saúde mental, há pessoas que não apresentam um quadro de psicopatologia, porém, estão acometidas aparentemente desse sofrimento (AZEVEDO, 2012, p.15).

A aflição é muitas vezes frequente no sujeito, além disso, existem distúrbios em que esse sofrimento se encontra ausente. É, portanto, a partir disso que, Mandlhate (2001, p. 24,) classifica os transtornos mentais e de comportamento como uma série de distúrbios definidos pela Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas de Saúde Correlatos (CID-10). Entretanto, os sintomas variam significativamente, posicionando-os, na maioria das vezes, por uma combinação de ideias, emoções, comportamentos e relacionamentos anormais com outras pessoas. A autora trás como exemplo a esquizofrenia, a depressão, o retardo mental e os transtornos devidos ao uso de substâncias psicoativas.

Partindo do exposto, faz-se crer e pontuar sobre a relevância da avaliação psicológica em obter indícios dos comportamentos anormais de uma pessoa. Esta vem alcançando resultados bem mais eficazes ao longo da sua trajetória, apesar de inúmeras críticas existentes nesse âmbito, como da fidedignidade dos testes psicológicos e ao manuseio dos mesmos pelo profissional. Ou seja, a avaliação se reveste de uma importante atividade do exercício profissional do psicólogo, atualmente, no que se refere saúde mental.

Segundo Gonzatti, (2011, p.10) avanço nas técnicas de avaliação só tem a contribuir para uma avaliação que privilegie do sujeito como um todo, conhecendo suas potencialidades e limitações a fim de propor maneiras de intervenção com o objetivo de auxiliar seu desenvolvimento.

Nesse sentido, a avaliação psicológica no contexto da saúde apresenta alguns objetivos, dos quais se podem destacar a sistematização das informações dos vários aspectos do funcionamento do paciente, como dados perceptuais, motores e funcionais. Assim sendo, obtenção de informações sem a necessidade de avaliação subjetiva, que seja para elucidar hipóteses são imprescindíveis para a intervenção. Neste, os testes mais utilizados em ambientes médicos são aqueles que avaliam funções intelectuais, inventários de personalidade, testes projetivos (quando cabível), além dos testes neuropsicológicos que muitas vezes são utilizados para realizar um diagnóstico diferencial (SCORTEGAGNA, CAPITÃO, BAPTISTA, 2005).

O processo de avaliação psicológica vem se desenvolvendo e se constituindo atualmente e assim elucidando com mais sustentação frentes aos fundamentos científicos. Com

efeito, esse seu aprimoramento de qualificação para se obtenção de melhores resultados no processo, verifica-se que a utilização de seus instrumentos como os testes psicológicos e dos estudos das psicopatologias torna-se cada vez mais evidente que nos últimos anos. Ainda assim, os critérios de avaliação dos testes psicológicos foram acrescidos de indicadores de análise de garantia de direitos humanos (BRITO, 2013, p.8).

Por outro lado, as ações reforçaram a discussão sobre os cuidados impostos à construção de instrumentos psicológicos, já presentes em documentos anteriores. Trazem assim importantes contribuições com os elementos que apontam indícios de alguns transtornos mentais nos resultados de um psicodiagnóstico.

Portanto, cumpre frisar que o psicodiagnóstico é de extrema relevância no campo da saúde mental, pois busca clarear uma situação, classificar por meio de um diagnóstico, descrever um comportamento e estabelecer um plano terapêutico, para isso, valendo-se de técnicas e testes psicológicos (JUREMA CUNHA, 2000).

Em se tratando da relação dos estudos das psicopatologias para a saúde mental em uma avaliação psicológica, pode-se compreender e articular novos conhecimentos para advertir de alguma forma, possibilidades que amenizem o sofrimento psíquico do sujeito frente ao conflito. No que concernem às psicopatologias (Classificação Internacional de Doenças)CID-10, e a partir de uma compreensão do conflito psíquico que venha a envolver cada indivíduo que recorre ao olhar da Psicologia.

Por conseguinte, o profissional englobará os valores das diversidades culturais, permitindo respeito ao paciente, apropriando-se dos aspectos essenciais do desenvolvimento humano, uma vez que convívio social de um indivíduo desempenha influência como fator impulsionador ou direcionador de comportamentos no ambiente cultural específico, e seus processos psicológicos como a inteligência, memória, atenção, emoção, dentre outros.

No entanto, o diagnóstico psiquiátrico consiste da estigmatização, rotulação, naturalização e sobrenaturalização das doenças. Diante do exposto, é válido ressaltar que o diagnóstico sofre influência de fatores ideológicos, políticos, filosóficos, sociais, etc. Desta forma, o profissional deve ter domínio do campo da Psicopatologia, compreensão do contexto que o envolve para que possa identificar problemas que estão comprometendo a saúde mental do paciente ao realizar diagnóstico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto discorre sobre a relação entre a psicopatologia e avaliação psicológica, enfatizando a saúde mental, em que foi possível compreender a complexidade diante do assunto estudado cujos transtornos mentais e comportamentais avançam afetando a cada dia a vida da população. Essa sociedade que é afetada pelo impacto contemporâneo das vicissitudes, prevalecendo uma série de demandas pessoais e profissionais, que podem causar prejuízos à saúde, em geral.

Nesse sentido, um indivíduo que se apresenta em uma sociedade na qual as pessoas não se percebem, sofrem bem mais por estarem incapacitados de participar e serem incluídos, muitas vezes, na qual discriminação ocupa um espaço significativo.

A clareza no enredamento do processo em que a ciência, as disciplinas específicas devem ser utilizadas de forma a proporcionar uma visão multidisciplinar sem, contudo, invadir o campo de atuação uma das outras.

Diante das atribuições de valores de um procedimento de avaliação e a não associação das psicopatologias às doenças e à loucura, pode-se concluir que as atitudes do psicólogo podem possibilitar a diminuição do sofrimento de um paciente, reabilitando-o para uma inserção social. Para tanto, a saúde não é considerada apenas como ausência de sintomas, em que muitas vezes tais sintomas não se apresentam visivelmente.

Na perspectiva apresentada, as psicopatologias necessariamente não têm uma causa que as determine, e sim, são multideterminadas por uma série de aspectos que podem ser diagnosticado de acordo com o contexto de cada indivíduo. Isso faz crer que não apenas diante dos conhecimentos das psicopatologias, mas também a partir de uma avaliação psicológica eficaz para que se possa encontrar evidências nos resultados para se reestabelecer a saúde mental do paciente.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, L.F.M. **Prática de cuidados em saúde mental**: uma perspectiva da psicologia social e saúde comunitária. Curitiba, v.1, Editora CRV. Curitiba, Brasil, 2012.
- CAPITÃO, C.G.; SCORTEGAGNA, S.A.; BAPTISTA, M.N. **A importância da avaliação psicológica na saúde**.
Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-04712005000100009&>.
Acesso em: 27/Jan/2015.
- CHENIAUX, J.E. **Manual de psicopatologia**. Ed. Artmed. RJ. Guanabara congân. 2005
- Dalgalarrodo P. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. Ed. Artmed 2ª ed. Porto Alegre. 2008.
- COELHO, M. T. A., PERES, M. F. **O conceito de saúde mental** IN: Dossiê Psiquiatria e Saúde mental. 1999, ed. 43. REVISTA USP, São Paulo, n.43, p. 100-125, setembro/novembro.
- CUNHA, J. A. **Psicodiagnóstico IX**. Ed. Artmed. Porto Alegre, 2007.
- CUNHA, J. A. **Fundamentos do psicodiagnóstico**. Ed. Artmed, 5ª ed. e Ampl. Porto Alegre, 2000.
- DALGALARRONDO P. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. Ed. Artmed. 2ª ed., Porto Alegre, 2008.
- DURKHEIM, E. **As regras do Método Sociológico**. Ed. Martin clarete. São Paulo, 2001
- FOUCAULT, M. **Doença mental e Psicologia** ed. 2008. Porto Alegre.
- HELOANI J. R. CAPITÃO. C. G. **Saúde mental e psicologia do trabalho**. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-04712005000100009&script=sci_arttext Acesso em: 28-01-2015
- MANDLHATE C. Organização mundial da saúde. **Relatório sobre a saúde no mundo 2001** saúde mental: nova concepção, nova esperança. Porto Alegre: Artes MédicasK = Disponível em: <http://www.abebe.org.br/wp-content/uploads/oms2001.pdf> Acesso em: 27-01-2015
- PAIM, I. **Curso de psicopatologia**. Ed. Pedagógica e Universitária 11ª ed.. São Paulo: EPU, 1993.
- SAMPAIO, JJC. **Epidemiologia da imprecisão**: processo saúde/doença mental como objeto da epidemiologia [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1998. 133 p.
- Revista Entre linhas /CRP **Avaliação psicológica**-junho 2011- N.55. Disponível em:

<http://www.crprs.org.br/upload/edicao/arquivo46.pdf> Acesso em: 20-10-2014.

Cartilha sobre Avaliação Psicológica Conselho Federal de Psicologia. SRTVN 702 - Ed. Brasília Rádio Center. Junho de 2007. Disponível em:

<http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/05/Cartilha-Avalia%C3%A7%C3%A3o-Psicol%C3%B3gica.pdf> . Acesso em 08-01-2015